

## KUR KAR KRE

Genecí Fidélis André

*Resumo:* O presente texto apresenta algumas reflexões acerca do processo criativo realizado na disciplina de serigrafia, do curso de Licenciatura em Artes Visuais – desenho e plástica, da Universidade Federal de Santa Maria. Através de memórias pessoais e reflexões acerca da trajetória formativa, o texto apresenta como a cultura kaingang consegue, por meio das tramas, invadir o espaço educativo tradicional.

*Palavras-chave:* processo criativo; arte kaingang; serigrafia

*Abstract:* This text presents some thoughts about the creative process that took place in a silkscreen class in Visual Arts undergraduate course at Universidade Federal de Santa Maria. By visiting some memoirs and thoughts about individual formative percourse, the texts presents how kaingang cultura manages, by the use of traditional weaving, sneak into an tradicional educational institution.

*Keywords:* creative process; kaingang art, silkscreen.

Meu nome é Genecí Fidélis André, tenho 23 anos. Filha de Ilva Fidélis e Sebastião André, sou a mais nova de 12 irmãos. Sou natural da Terra Indígena de Nonoai, filha de uma Kaingang e um Guarani. Como sempre moramos na Terra Kaingang, pouco sei sobre a cultura Guarani, apenas algumas histórias contadas pelo meu pai, quando eu ainda era criança.

Sobre a cultura Kaingang, infelizmente me falta a fluência na língua, algo que me faz muita falta, mas não me atrapalha necessariamente, pois aos poucos estou aprendendo. Agradeço muito por tudo que aprendi e aprendo todos os dias na minha terra. Como sou filha de guarani, não tenho a “marca”, que é usada para identificar as duas famílias distintas que compõem o povo Kaingang. Mas costumo dizer que sou Kamé, apropriando-me da marca da minha mãe, herdada de meu avô.

No costume Kaingang, desde crianças somos ensinados que pertencemos a uma “marca”, que é passada de pai para filho, essa marca é Kamé ou Kanhru. No meio em que vivemos, plantas pequenas pertencem ao grupo Kamé, e plantas grandes e altas, ao grupo Kanhru; animais de pequeno

porte pertencem ao grupo Kamé, e animais de grande porte pertencem ao grupo Kanhru.

As características físicas organizam essa divisão. O que se conta é que os seres da família Kamé são vagarosos, de rosto arredondado, unhas compridas e pés chatos, normalmente recebem nomes de animais. Os seres da família Kanhru, ao contrário, são tidos como rápidos, com rosto ovalado e, em geral, recebem nomes de plantas, como flores ou árvores frutíferas.

Acredito que me representa mais a família Kamé, e por isso a considero minha marca. Ela é usada muito em eventos especiais, como comemorações e momentos importantes. A família Kamé é representada por um símbolo arredondado, enquanto que o Kanhru é representado por dois símbolos retos e verticais. Normalmente se usa a tinta do urucum, mas quando não se consegue o urucum, qualquer material que esteja disponível é usado.



Figura 1: Marcas Kamé e Kanhru. Fonte: OLVEIRA, J. E. Povo Kaingang: vida e sabedoria, 2012.

Essas marcas influenciam em muitas decisões, entre elas, para realizar casamentos, pois pessoas da mesma marca, são parentes e, portanto, não devem se relacionar. Desse modo é permitida e incentivada a união de marcas diferentes, a fim de se manter um equilíbrio assim de certa forma, pois um sempre irá completar o outro de uma forma espiritual. Devemos considerar que existem algumas pequenas variações de formas dessas marcas em outras aldeias.

Estudei todo o ensino fundamental e médio em escolas fora da aldeia, algo que sempre marcou, pois sempre fui a “indiazinha”. Mesmo ainda criança,

sempre ouvia isso com desconforto. Hoje, percebo a total falta de interesse por parte dos professores, em fazer uma aula onde eu não fosse “referência”. Muitas vezes quando se tem um aluno indígena em sala de aula, certos professores tendem a usar esse fato para exemplificar suas falas: “Antigamente apenas o povo da Genecí, morava aqui, no mato e sem civilização, graças aos portugueses eles conheceram outros costumes e entre eles, começaram a trabalhar”.

Essas falas se desenvolveram e ainda reverberam em meu subconsciente, e com certeza em muitos outros indígenas que estudam/estudaram em escolas fora de suas aldeias. No fim das contas, isso apenas me motiva a tornar-me uma professora diferente.

No ensino médio, não foi diferente. Conflitos com adolescentes sempre foram comuns, não só comigo, mas com muitos alunos indígenas e filhos de agricultores da mesma sala de aula, o que gerava muitos debates, dos quais alguns professores optavam por se “omitir” e muito poucos se posicionavam. Este é outro ponto que hoje eu busco não fazer, pois essa neutralidade não tem como fazer bem a ninguém.

A maior conquista até hoje para minha família foi eu ter conseguido entrar para a universidade. Já se passaram alguns anos desde o primeiro curso que comecei, que foi de grande aprendizado para mim, mas não era o objetivo que eu almejava. Talvez a urgência da adolescência tenha contribuído para decisões precipitadas, mas com certeza foi uma grande conquista. O segundo curso que consegui é, com certeza, o maior prazer até hoje. Sou completamente apaixonada, e, apesar das dificuldades e de alguns novos empecilhos que vem sendo acumulados, adoro o curso, e me sinto muito satisfeita com a profissão que escolhi e estou sendo preparada para seguir. Sei das “limitações” e das amarras que a educação ainda tem, mas sei que posso ser uma boa profissional, e tenho grandes utopias.

Em 2018, durante o segundo semestre, comecei na UFSM o curso de Artes Visuais -Licenciatura plena em desenho e plástica. Foi algo tão esperado e desejado, que mal dormi naquela semana. Lembro de ter me sentido um pouco culpada, pois no semestre anterior daquele ano, tive a oportunidade de estudar Artes em outra universidade federal, onde havia conseguido uma vaga, mas acabei desistindo, pois estava esperançosa com a segunda chamada do SisU na UFSM. Como estava demorando o resultado, já estava muito preocupada. Acredito que outros parentes tenham passado pela mesma sensação. Ser a única indígena naquele ambiente deixa qualquer um nervoso, mas infelizmente é algo recorrente.

Nada que nos impede, de maneira alguma, mas o frio no estômago,

acabamos por sentir involuntariamente.

Desde os primeiros dias no curso, é mencionada a importância do processo de criação. O resultado não é o mais importante, pois um “bom” trabalho apenas será “bom” caso o seu processo tenha sido bem executado e tenha conseguido alcançar seu objetivo, que nem sempre permanece o mesmo, às vezes significa que mudou durante o processo. É incrível como cada pessoa terá seu processo completamente diferente de outro, até mesmo quando tratando do mesmo assunto, pois temos interpretações diferentes, e cada um tem a sua cronologia.

Acredito que isso não é muito diferente do que costumamos viver nas aldeias, não comesse nome, nem com esses conceitos, mas a vivência sim. Gosto de recordar a empolgação da época dos balaio, que são as preparações antes de sair vender pelas cidades. Normalmente, isso acontece cerca de dois meses antes de datas comemorativas como: Natal, Páscoa e dia das mães. A confecção começa pela busca da matéria prima, que pode ser o cipó ou a taquara. Reúnem-se algumas pessoas para esse processo, pois nunca é seguro ir sozinho ao mato. Logo depois, temos o destalar das taquaras, ou a limpeza do cipó. Depois



Figura 2: destalar. Fonte: arquivo pessoal da autora.

de limpos, eles precisam ficar ao sol para ganhar resistência e flexibilidade; processo que demora dias. A parte mais interessante ao meu ver é o trançar, as conversas, as crianças ao redor. É um momento sempre descontraído, e sempre

ouvi que balaio se faz em grupo, na roda, pois se fazer sozinho, nunca vai ser a mesma coisa. Para meu povo, esse é o processo de criação, de trabalho em grupo, um momento compartilhado.

Um trabalho muito importante para mim, com um processo de criação marcante foi um trabalho que aqui chamaremos de “Entre tramas”. O considero até hoje o trabalho de mais força, e fluido que já fiz, principalmente pelo processo ao qual eu me dispus passar. Após a conclusão do trabalho, e longas conversas com professores, amigos e colegas, percebo o quanto era e ainda é recorrente a presença de *tramas* em outros trabalhos meus. Por vezes, eu não percebia, e muitas vezes não era intencional, mas estão lá em auto retratos, em esculturas, de alguma forma eu as usava.

Se vamos ao dicionário podemos encontrar uma definição de trama: conjunto dos fios que os tecelões fazem passar com a lançadeira entre os fios estendidos do urdimento e transversalmente a estes; conjunto desses fios já tecidos; teia: a trama de um pano. Para os povos indígenas a definição vai além. Tramar um balaio, uma cesta, uma peneira, é ter a certeza de que você está mantendo um vínculo real e constante com o passado, e em muitas vezes garantindo que os mais novos continuem trançando, e não esqueçam de onde vieram. Cada trançado é único, e também possui significados distintos, para cada povo. Podemos tramar, em diversos materiais: taquara, cipó, todo tipo de fio. Já vi diversos trabalhos com variados materiais. No final, não é o material que fará o vínculo ancestral que mencionei, nem mesmo qual a trama escolhida. Acredito que seja pelo processo criativo que os povos indígenas sabem que não estão produzindo apenas um objeto decorativo. É assim que devemos sempre encarar um trabalho de arte.

Considero “Entre tramas” como o divisor de águas, como costumamos falar. A partir dessa criação percebi que, de forma inconsciente, eu já vinha construindo uma identidade visual, de raízes profundas, mas que eu ainda não explorava. No momento que percebo isso, posso expressar e enaltecer minha cultura, e sei que ainda tenho muito a aprender e melhorar na minha produção visual.

Além das tramas, outro elemento desse trabalho que me fez refletir muito sobre minha própria produção foi o uso de uma imagem do meu próprio corpo – às vezes a face, os pés, o corpo, o cabelo –, coisa que até então eu não havia percebido.

Não posso afirmar que sempre estive em paz com meu corpo, mas com certeza foi somente após a minha aproximação com a arte, que comeci a enaltecê-lo. A cada trabalho, que eu conseguia incorporar uma característica

do meu corpo, ou de um corpo que eu conhecia, era como ressignificar uma palavra, uma nova referência visual para aquela palavra. Assim acabo por perceber que tenho uma certa inclinação a me expor. Nada muito ousado ainda, mas uma prática comum de certa forma, grandes artistas como Frida Khalo e Berthe Morisot, é muito usado por artistas indígenas, como Arissana Pataxó, Ibã Huni Kuin, dentre outros, que usam seus corpos como modelos em suas produções. Os motivos variam intensamente, desde a “falta de modelos” a um “quase flagelo” para receber críticas. Dentre essas justificativas, percebo que para artistas indígenas expor seus corpos em espaços nunca pensados é uma grande vitória e

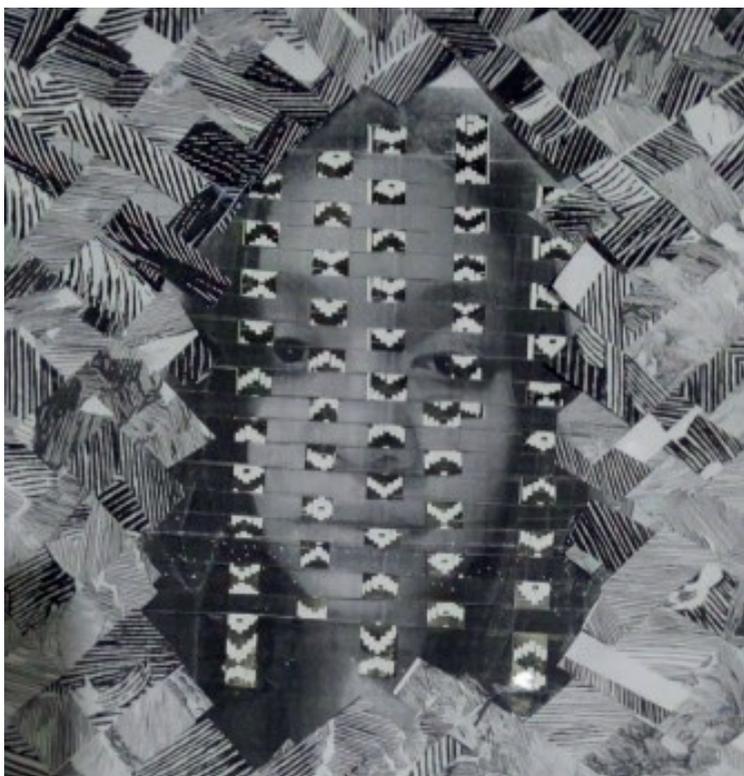


Figura 3: Resultado do processo criativo em serigrafia. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

um incentivo aos jovens para que todo espaço deva ser ocupado.

“Entre tramas” reverbera em novos trabalhos constantemente. Tudo começou durante a disciplina de serigrafia, técnica que em alguns aspectos se aproxima das produções indígenas, pelo fato de ser bem demorada, exige o

preparo das tintas e de camadas sobrepostas. Em outras está muito longe da realidade, mas gosto de pensar que podemos aproximá-las cada vez mais.

Essa disciplina foi ministrada pela professora Lusa Rosangela Lopes Aquistapasse, que começou pedindo para que cada um apresentasse quatro trabalhos de colagem com tema livre. Sempre tive uma certa dificuldade quando em minha mente ecoa a palavra “livre”. Ela acabava sempre me pressionando de certa forma, como uma forma de excesso, que tem como objetivo ajudar, porém nos deixa ainda mais perdidos.

Não sei exatamente quantas comecei, e nem quantas no final eu gostei. Mas, com essa proposta, acabei me envolvendo muito com meu último trabalho, que consistia inicialmente em uma folha A3, onde coloquei um xérox de uma foto minha, de rosto, no centro, e, ao redor, tentei tecer uma trama, feitas com “sobras” de trabalhos anteriores.

Inicialmente, o trabalho era todo em escalas de cinzas, mas enquanto eu trabalhava na trama, percebi que a faixa vermelha na altura dos olhos, seria um ótimo elemento. Durante a finalização do trabalho, imprevistos como sempre acontecem, e as folhas que eu havia usado inicialmente como tiras para a trama acabaram. No momento, eu não tinha como conseguir mais material, me recordei de uma frase que um professor muito querido costumava dizer “faça de seu erro, um acerto”. Fui então modelando e redistribuindo as poucas tiras que tinha, e o final acabou me surpreendendo.

Esse foi o trabalho apresentado, e a partir dele a primeira “dobra” aconteceu. Fiz outras quatro cópias de mesmo tamanho, os recortei da forma que considerei mais adequada. Alguns dos recortes ampliei, e recortei novamente. No final, cheguei a uma ampliação em uma folha A3, de uma pequena parte do trabalho inicial, cerca de 1/4 do meu rosto, curiosamente a parte onde eu precisei improvisar para terminar. Somente então comecei com impressão para a serigrafia. Com o auxílio da professora fui dando forma, camada após camada, esperando a secagem, preparando os tons de tintas, um processo muito lento, que se desenvolveu em meio a risadas e conversas.

Tudo isso me recorda a temporada das tranças de balaios, o ambiente leve, mas de muito trabalho, onde assim como minhas telas precisavam de tempo para secar, a taquara também precisa de seu tempo para só depois ser trançada. Aprendi minhas primeiras tramades balaio, com cipó e taquara, ao lado de minha tia e minha mãe, não sou nenhum exemplo de artesã. Como resultado tive uma sequência serigráfica, com quatro folhas como essa:



Figura 4: Entre tramas, serigrafia. Fonte: Arquivo pessoal da autora.